

ENSINANDO ESCRITA COM MATERIAIS COTIDIANOS: O TELEFONE CELULAR COMO ESTÍMULO PARA ESCREVER DE VÁRIAS MANEIRAS¹

Peter Smagorinsky
Christina N. Berchini

As contribuições de George Hillocks, Jr.² têm gerado impacto no campo do ensino da escrita desde o início da década de 1970. Hillocks desenvolveu uma das abordagens mais peculiares para a pesquisa de campo, a qual envolve os estudantes na análise do que ele chama de "dados" (que vão desde os conteúdos dos bolsos de uma pessoa misteriosa (HILLOCKS, 1975) aos cenários que apresentam dilemas (KAHN; WALTER; JOHANNESSEN, 2009) e a qualquer outra coisa que sirva às finalidades do ensino) a fim de que aprendam formas específicas da tarefa de pensar sobre as exigências de um gênero textual/discursivo antes de realizarem a sua escrita propriamente dita. Essa abordagem tem se mostrado muito apropriada na pesquisa comparativa, tanto nos estudos individuais, quando contrastada com grupos de controle (SMAGORINSKY, 1991), como nas pesquisas conjuntas, quando contrastada com outros métodos de ensino que reivindicam sustentação empírica (HILLOCKS, 1986).

¹ Traduzido direto do inglês por Heitor Gonçalves Lima.

² *Nota do(a) Tradutor(a):* George Hillocks, Jr. é professor emérito do Departamento de Educação e do Departamento de Língua e Literatura Inglesa da Universidade de Chicago. Sua carreira de professor incluiu a preparação de professores de Inglês no programa de Mestrado em Ensino e a orientação de estudantes no programa de doutorado da Universidade de Chicago. Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/George_Hillocks,_Jr.>.

Ainda tem sido difícil encontrar salas de aula nas quais as ideias de Hillocks sejam colocadas em prática. As práticas de ensino, que o autor considera menos efetivas do que sua abordagem preferida, parecem ser muito melhor institucionalizadas nas salas de aula. O ensino da escrita ainda tem sido praticado de modo bastante formalista – começando pela forma e a estrutura que os estudantes devem usar em sua escrita, geralmente seguindo um modelo de cinco parágrafos³ (criticado por HILLOCKS, 2002) – ou de modo altamente desestruturado, como nas abordagens do tipo “oficina” nas quais os estudantes ficam livres de convenções, como as que citamos há pouco, e são encorajados a explorar suas próprias formas e ideias sem restrições impostas pela autoridade do professor (BOMER, 2012).

Neste capítulo, demonstramos o que caracteriza o ensino da escrita proposto por Hillocks, adaptando seus princípios de uma maneira bem básica. Uma possível razão pela qual sua pedagogia não se popularizou entre os professores é porque ela demanda muito trabalho extra, tanto em planejamento como na execução das atividades. Em uma aplicação de suas ideias, professores compõem cenários que exigem que os estudantes pensem acerca de problemas éticos e gerem soluções para estes problemas antes de escrever argumentos em favor de sugestões específicas. Compor esses cenários pode ser muito demorado, o que representa um problema para os professores que já se sentem estressados pelas crescentes demandas burocráticas em seu tempo de trabalho normal. Embora os discípulos de Hillocks tenham publicado uma série de livros e artigos nos quais fornecem cenários que preparam os estudantes de várias maneiras para a escrita, como, por exemplo, pela argumentação (SMAGORINSKY; JOHANNESSEN; KAHN; MCCANN, 2010), com a intenção de modelar o processo, poucos

³ *Nota do(a) Tradutor(a):* Este é um dos formatos literários mais usados por escritores e estudantes no suporte de uma argumentação ou dissertação. O texto é construído a partir de um argumento, tese ou afirmação específica. A estrutura é muito simples e composta por: um parágrafo introdutório, três parágrafos de desenvolvimento e um de conclusão. Fonte: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/03/12/916723/como-escrever-uma-redacao-cinco-paragrafos.html>>.

professores parecem ter tempo para conceber cenários cuidadosamente produzidos por conta própria.

É possível que os professores precisem coletar materiais como quem junta conchas do mar para construir a base da escrita descritiva (HILLOCKS, 1975). Esses materiais podem sempre ser reutilizados em turmas e anos subsequentes, o que faz com que a preparação frequentemente venha no começo da carreira de um professor inspirado pela abordagem de Hillocks. Talvez esse esforço inicial possa desencorajar os professores ao ponto de fazê-los procurar por outras ideias que representem um trabalho menos laborioso para o ensino de escrita. Os professores normalmente procuram métodos que não somente poupem seu tempo em casa, como também que consumam menos tempo de prática em sala de aula. Uma desvantagem, a partir da perspectiva dos professores, é que os métodos de Hillocks põem em alerta os processos de pensamento e de escrita de maneira que ocupam bastante o tempo da aula, especialmente no contexto de um currículo já cheio de coisas para eles darem conta, o que pode desencorajar os docentes quanto ao empreendimento de tais métodos.

Applebee (1986), embora tenha percebido relevância na abordagem de Hillocks, considerou sua terminologia problemática. Isso se justifica porque Hillocks utilizou os termos "ambiental" e "pesquisa" para caracterizar os elementos da prática que ele acreditava que contribuíam para um bom ensino de escrita. Applebee, em vez disso, ofereceu a ideia de uma abordagem de "processo estruturado", que envolve a estrutura, rejeitada por muitos pedagogos daquela época como parte de uma confusão de qualquer estrutura com o formalismo, tal como no modelo dos cinco parágrafos, e a atenção com o processo, que o campo tinha abraçado, pelo menos em princípio e quiçá consecutivamente, na prática (SMAGORINSKY, 1986). Foram esses três métodos os mais amplamente estudados nos anos de 1960 e 1980 e parecem permanecer largamente disponíveis ainda na contemporaneidade.

FUNDAMENTOS DO MÉTODO DE HILLOCKS

Descrevemos agora os dois principais termos de Hillocks: *ensino ambiental* e *instrução de pesquisa*. Em uma abordagem ambiental, os professores se concentram em ensinar um tipo particular de tarefa. Em contraste com a ideia de que o conhecimento geral e as estratégias como a *escrita livre* podem servir aos propósitos de um ensino para qualquer tipo de escrita, ou que o modelo dos cinco parágrafos prepara os estudantes para a escrita de qualquer natureza, esta abordagem pressupõe que cada tipo de tarefa depende de conhecimentos específicos. Aprender a escrever uma narrativa pessoal e aprender a escrever um ensaio de comparação/confrontação dependem do conhecimento de diferentes estratégias e processos. Embora essa suposição tenha sido frequentemente confundida com a maneira tradicional de se ensinar diferentes formas de escrita, através da imitação de textos-modelo, Hillocks caracterizou seu método com ênfase no *processo em primeiro lugar*; com isso, a forma seguirá a função em um estágio posterior da prática de escrita.

Os professores projetam materiais e atividades que envolvem os estudantes na geração indutiva de processos e estratégias de pensamento em relação a essas tarefas. Os “gêneros” familiares da escrita escolar compreendem muitas vezes tarefas, como *comparar* e *contrastar* coisas semelhantes e diferentes, *argumentar* em favor de uma solução ou *definir* um termo abstrato, como, por exemplo, *sucesso* ou *ação corajosa*. Cada tipo de tarefa envolve formas únicas de pensar. Por exemplo, definir *lealdade* e escrever uma narrativa sobre um exemplo de ação leal dependem de maneiras diferentes de pensar. Uma abordagem ambiental, então, enfatiza o aprendizado de diferentes conjuntos de procedimentos para se engajar em diferentes tipos de tarefas. Esse pensamento é tipicamente levado pelos professores através de seu planejamento, no qual eles definem atividades que, antes da escrita, envolvem os estudantes em processos de discussão e exploração, de modo que eles

ensem, por meio das exigências das tarefas, antes de assumirem as demandas mais desafiadoras da escrita em resposta a elas. Na maioria das vezes, essas atividades simulam problemas e empregam conteúdos que incorporam questões consideradas atraentes pelos estudantes e importantes de serem perseguidas.

Hillocks (1986, p. 247) descreve a abordagem ambiental como a que põe o "professor, os estudantes e os materiais em equilíbrio", de modo que os professores nem dominam todas as instruções nem se anulam ao ponto de os estudantes serem deixados sem direcionamento. Os professores, embora trabalhem fora da sala de aula para projetar boas atividades com base em tarefas, transformam a sala de aula em uma oficina na qual os estudantes se engajam nas atividades. O professor exerce o comando sobre a atividade e implicitamente guia os estudantes para o desenvolvimento de suas ideias, mas nunca interfere ou lhes diz "o que" ou "como" devem pensar.

Uma ênfase na pesquisa fornece a estrutura dentro da qual os estudantes vão se envolver, de forma colaborativa, nessas atividades. Os professores disponibilizam aos estudantes materiais que serão manipulados com o objetivo de se pensar a respeito dos problemas propostos pelas atividades. Em uma atividade projetada por Tom McCann, por exemplo, os estudantes receberam listas de restaurantes para estudarem a fim de escolherem um local para uma festa de aniversário, exigindo que eles formassem argumentos a favor de um dos restaurantes como sendo o melhor local. O trabalho dos estudantes não tinha um prazo de entrega determinado porque as atividades poderiam ter soluções ou resultados múltiplos e plausíveis, baseados no envolvimento deles com os materiais e as demandas da tarefa.

ATIVIDADE DO TELEFONE CELULAR

O primeiro autor, um ex-estudante de Hillocks nos cursos de mestrado e doutorado, tem sido um discípulo e defensor dos mé-

todos de ensino de Hillocks. Em um esforço para ajudar a tornar esses métodos mais acessíveis aos professores, especialmente os que têm pouco tempo para desenvolver atividades e para preparar conjuntos de materiais fora do ambiente da sala, ele tentou usar materiais "disponíveis", tais como aqueles que são acessíveis em sala de aula e não demandam trabalho em casa.

Hillocks (1975), por exemplo, criou o "jogo do espião", uma atividade na qual o professor coleciona um conjunto de objetos que poderiam ser encontrados nos bolsos ou na bolsa de um suspeito detido pela justiça. Os estudantes examinam esses objetos tentando fazer inferências sobre o perfil do suspeito, suas motivações e atitudes, e assim por diante, como preliminares para escreverem sobre esse indivíduo usando detalhes importantes. Esta atividade foi adaptada para que os materiais pudessem ser coletados aleatoriamente a partir de qualquer coisa que os estudantes estivessem portando naquele momento em sala de aula, o que, talvez, não tenha a coerência de um conjunto de materiais elaborado e orquestrado pelo professor, mas que, não obstante a adaptação, pode produzir os mesmos tipos de discussões.

A atividade do telefone celular foi desenvolvida pelo autor espontaneamente durante uma oficina em um encontro para professores de escrita. Sabendo que praticamente todos têm um telefone celular atualmente, e que a maioria das pessoas ama seu aparelho e acredita que seus modelos são superiores aos de outros, ele pediu aos presentes para se colocarem em pequenos grupos e falarem a respeito de seus celulares, argumentando em favor de seu aparelho como sendo o melhor. Inevitavelmente, em resposta a esse direcionamento, os grupos *descreveram* as características de seus telefones, *compararam* seus celulares com os dos outros membros do grupo e os *confrontaram* de acordo com os critérios gerados por eles mesmos; usaram esses critérios para construir *definições* a respeito do que configura um bom celular; *argumentaram* em favor dos motivos pelos quais eles usam seus celulares e estes são os seus preferidos; traçaram *narrativas* a respeito de ocasiões

em que seus celulares se mostraram um elemento fundamental de auxílio; e usaram seus aparelhos para *pesquisar* sobre aspectos do desempenho do telefone celular como meio de averiguar suas próprias crenças e de verificar os argumentos dos outros.

Em outras palavras, embora essa atividade tenha sido originalmente elaborada como um meio de gerar estratégias para argumentação, ela acabou por se tornar uma atividade que, possivelmente, poderia preparar os estudantes para uma variedade de gêneros de escrita. Informalmente, então, essa atividade provou ser bastante efetiva ao demonstrar, para os grupos de professores, a elegância de uma abordagem *hillocksiana* para o ensino da escrita através de atividades de promoção de estratégias, baseadas em tarefas, nas quais um professor tem a autoridade sobre os estudantes enquanto estes se envolvem com as demandas de uma atividade bem planejada.

Neste artigo, forneceremos uma demonstração de como a atividade funcionou em condições mais formais, as quais descreveremos a seguir.

CONTEXTO

Na primavera de 2016, Christina Berchini convidou Peter Smagorinsky para estar presente em uma aula sua, na Universidade de Wisconsin-Eau Claire, através do Skype, falando para futuros professores de ensino fundamental. A aula era focada no ensino de escrita e ministrada para nove professores em formação. Depois de conversarem acerca das possibilidades para a visita, eles decidiram que, antes de a participação pelo Skype começar, ela deveria aplicar a atividade do telefone celular.

Berchini instruiu seus estudantes (futuros professores de ensino fundamental) para, de posse de seus celulares, em grupos de três, tomarem nota a respeito de uma única pergunta: "Quem tem o melhor telefone celular?" A atividade foi intencionalmente

semiestruturada com o objetivo de fornecer liberdade suficiente para a análise. Os estudantes examinaram os celulares uns dos outros e os seus próprios para determinarem quem tinha o melhor dispositivo e, em seguida, anotaram as razões de suas escolhas. Os estudantes atribuíram a um membro do grupo a função de tomar notas e este deveria registrar detalhes a respeito de suas conversas (observações, perguntas ou qualquer outra informação que valesse à pena registrar).

Enquanto os estudantes realizavam a atividade, Berchini registrou anotações a partir de suas próprias observações. De modo mais específico, ela registrou perguntas dos estudantes (por exemplo: "Você gosta do seu celular?") e anotações gerais sobre as atitudes deles a respeito da atividade (por exemplo: "muita risada e conversa animada"), assim como vários gêneros que pareciam emergir como resultado do exercício. Por exemplo, quando ouviu casualmente uma estudante dizer para um de seus parceiros: "Parece que estamos numa entrevista", Berchini registrou esta declaração e anotou "entrevista" como um possível gênero para contribuir para a discussão pós-atividade. Ao ouvir também um estudante dizer: "Eu deixei cair meu telefone no banheiro por duas vezes", Berchini anotou "conto" como um possível gênero para uma discussão mais ampla.

Depois de aproximadamente quinze minutos, Berchini iniciou uma discussão com toda a turma sobre sua experiência com a atividade e uma revisão do que os estudantes haviam anotado. A discussão foi guiada por duas perguntas: (1). Como a atividade o ajudou a gerar ideias para escrever? (2). De que maneira a atividade o inspirou a pensar em termos de gêneros? Berchini e os estudantes gastaram aproximadamente quinze minutos explorando o desenvolvimento da atividade, enfocando particularmente sobre os gêneros que os estudantes haviam identificado, assim como sobre os motivos pelos quais esses gêneros foram identificados.

DISCUSSÕES EM PEQUENOS GRUPOS

Nós não registramos a discussão dos pequenos grupos de estudantes, mas acessamos anotações de dois dos três grupos para ilustrar como esse estágio do processo se deu. A proposta dessa atividade levou os estudantes a discutirem a seguinte questão: Quem tem o melhor telefone celular? Apresentamos, a seguir, as anotações feitas por dois dos grupos de três estudantes em sala durante aquela aula.

EMILY, RACHEL e TAYLOR

Rachel: Bem, não é o meu, porque eu não tenho um iPhone.

Taylor: Emily, qual é o seu iPhone?

Emily: Meu iPhone é o 5s.

Taylor: Ah, o meu iPhone é o 6, então, eu tenho o modelo mais novo aqui.

Nós todos temos a mesma quantidade de dados de internet.

Emily: Eu tenho mais dados disponíveis.

Taylor: Faz dez meses que tenho esse celular.

Rachel: O meu celular tem dois anos.

Emily: O meu tem por volta de 4 meses.

Taylor: Minha operadora é Sprint.

Emily e Rachel: A nossa é Verizon.

Emily: Eu tenho 35 aplicativos!

Taylor: Eu tenho 36 aplicativos e uma capa mega durável.

Rachel: É aplicativo demais. Todas as nossas câmeras são boas.

Conclusão: O celular de Taylor é o melhor porque é o iPhone de modelo mais recente.

BAILEY, ANNA e ALYSSA

Marca

Tipo de iPhone

iPhone - 2 do mesmo tipo, eliminada a versão anterior (5c)

Capacidade de memória

Armazenamento atualizado – um foi atualizado esta manhã.

Nível de bateria - 56% contra 98%.

Quantos Gigas? - 16 Gigas.

Usou 10 Gigas vs 9.9 Gigas.

iCloud 45 Gigas - somente 99 centavos.

Operadora - Cellcom vs US Cellular

Qualidade do sinal - 3 barras, cobertura extensa.

Aplicativos: Spotify vs iTunes/Pandora

Como os aplicativos são organizados?

Os que são mais usados ficam na primeira tela.

“Eu queria ter o iPhone 6 Plus”

Um não tem capinha

2 anos em outubro vs quase um ano

Há rachaduras vs película protetora.

O e-mail está ligado em um vs o outro não.

“O celular trava com você?”

Conclusão: O celular de Anna, um iPhone 6, é o melhor por causa da película de vidro, da capinha protetora e da conexão com o e-mail.

Essas anotações não podem ser consideradas para apontar o nível social dos grupos de discussão, mas servem para indicar os critérios que os estudantes elegeram para decidir qual celular era o melhor, considerando os disponíveis em cada grupo. Além disso, em uma discussão posterior, na qual eles refletiram sobre os processos vivenciados pelo grupo, os estudantes alegaram que, além da construção dos argumentos sobre os méritos de cada celular, eles promoveram uma comparação entre as características dos três telefones, contaram histórias que ilustraram o valor dessas características, descreveram os atributos dos celulares para fortalecer seus argumentos e comparações, empenharam-se em elencar

o que um bom telefone precisa ter e procuraram informações na Internet, através dos seus celulares, para fortalecer seus pontos de vista. Portanto, com essa atividade de produzir argumentos, os estudantes vivenciaram processos mais relevantes do que aqueles vivenciados nas tradicionais atividades de escrita em sala de aula, incluindo, neste trabalho, a aprendizagem de uma rigorosa avaliação dos aparelhos.

A ESCRITA DO ESTUDANTE

Apresentamos, a seguir, dois textos voluntariamente escritos por membros de uma turma para ilustrar como eles construíram a discussão, em seus grupos, e para demonstrar a discussão de toda a sala, que desencadeou uma atividade escrita. Como resenhado anteriormente, o processo de ensino desenvolvido por Hillocks envolve engajamento com “dados” – neste caso, os celulares que os estudantes portavam em suas bagagens – para promover uma discussão que abarque a natureza do pensamento envolvido em um tipo particular de atividade. Como os relatos da discussão dos estudantes indicam, “argumentar” não implica ação enclausurada de um único gênero, mas esboça modos de pensar que são inerentes a outros gêneros. De acordo com a atividade do celular, uma única tarefa pode ser adaptada para colocar em foco muitos gêneros escritos, com a compreensão de que cada gênero, provavelmente, inclui aspectos de outros.

Taylor e Mallory tomaram direções diferentes em sua escrita. Taylor, por exemplo, argumentou que ela tinha o melhor celular. Observe que seu argumento começa com uma narrativa, inclui critérios de definição em que ela baseia seu argumento, descreve características do telefone e relatórios sobre pesquisas, que apoiam seus pontos de vista, compara e contrasta a marca de seu telefone com outras marcas para solucionar argumentos contraditórios. Ela não foi especificamente instruída para incluir esses elementos, mas aproveitou o conteúdo e o processo de sua discussão, em pequenos grupos, para produzir o melhor argumento possível.

Meu celular é o melhor – Taylor Draak

Todo dia, depois da aula, eu volto para casa, lanchinho, faço minha tarefa de casa, janto e, por fim, assisto um pouco de televisão antes de dormir. Durante os intervalos comerciais, do meu programa favorito, tudo o que eu ouço é: “Apresentamos o novo iPhone 6! Apresentamos o novo Samsung Galaxy S7!” Quase todos os comerciais apresentam o novo modelo de celular que todo mundo deveria ter. Existem milhões de novos modelos de celular por aí, diferentes marcas, diferentes estilos e diferentes funções e novos celulares estão sendo anunciados todo dia. No entanto, acho que o meu celular é o melhor porque é a versão mais recente disponível no mercado, tem muito espaço para armazenar todos os meus jogos favoritos, os contatos, músicas e fotos, e é um iPhone.

Para começar, eu tenho o novo iPhone 6. Ele é o modelo mais novo disponível da linha iPhone no momento. Isso significa que ele tem muitas características que outros celulares não têm. Também existe o iPhone 6 Plus, mas ele é muito grande. Não cabe nem no bolso. Meu celular, o iPhone 6, é maior que o modelo anterior, mas, mesmo assim, cabe no meu bolso. Tem o tamanho perfeito, pois posso ler todos os meus textos, posso ler livros nele, posso facilmente visualizar minhas fotos e posso ver todas as redes sociais. Todas as outras versões do iPhone são menores e pode ser difícil ler tudo no telefone, mas não com o meu telefone. Já que é a versão mais recente disponível, tem muitos recursos excelentes que os outros telefones não possuem. Por exemplo, a câmera é melhor, tem a Radio iTunes, e a melhor parte é que ele tem ajuste de cor do visor para noite. Após uma pesquisa, descobriram que a luz emitida pelo telefone deixa, realmente, as pessoas despertas e fica mais difícil de adormecer. Eu sei que quando estou deitada é a hora de acessar todas as redes sociais e os jogos. O iPhone 6 reconheceu esta pesquisa e adicionou um botão que permite que você altere a luz que seu telefone emite. A luz noturna não te deixa mais acordado, então, isso permite que você tenha uma boa noite de sono. Ter a versão mais recente disponível tem suas vantagens. Você consegue acessar todos os recursos excelentes que os outros telefones não possuem.

Em segundo lugar, eu tenho muita memória no meu celular. Isso me permite ter todos os meus jogos, contatos, fotos, músicas e aplicativos favoritos. Eu tenho mais de trezentos contatos e 1.293

fotos. Além disso, eu tenho quarenta e dois aplicativos. Eu tenho tudo isso no meu celular e ainda tenho mais de um gigabyte livre. Isso significa que, se houver algo que eu ainda queira pôr no meu celular, não terei problema com isso. Com toda a memória disponível, eu também posso ter música no meu celular. É muito fácil colocar música num iPhone. Como a Apple começou com os iPods e usando o iTunes, muitas pessoas já tem suas músicas no iTunes. Com um iPhone, é muito fácil transferir todas as suas músicas favoritas para ele. Tudo o que você tem que fazer é plugar seu telefone no computador e todas as suas músicas vão para o aparelho. Isso significa que você pode ouvir sua música a qualquer hora e em qualquer lugar, e, especialmente, é possível fazer isso por causa dos fones gratuitos que acompanham o iPhone. É muito legal ter tudo o que você precisa em um só dispositivo. Eu tenho minhas músicas, minhas fotos, meus contatos, minhas redes sociais, meus livros, meus jogos e meus exercícios, tudo em meu telefone. Por ultimo, meu celular é um iPhone. Então, você está provavelmente pensando que isso é o que todo mundo diz. Todo mundo simplesmente diz que iPhones são os melhores porque eles são a tendência do momento. Contudo, o primeiro celular que eu tive foi um Android. Eu fiquei com ele por dois anos antes de comprar meu primeiro iPhone. Eu não gostava muito do meu Android. Era confuso de operar com ele e difícil de navegar. Ele não tinha a metade dos recursos que um iPhone tem. Eu também não gostava do tamanho nem da forma do meu Android. Era uma forma estranha e era desconfortável segurar no meu ouvido enquanto falava ou colocar convenientemente no meu bolso. Eu não percebia o quanto eu não gostava do meu Android até eu ter o meu iPhone. O iPhone é extremamente amigável. É tão simples de usar e todos os produtos da Apple são configurados da mesma forma. Até minha mãe, que tem dificuldades com tecnologia, comprou um iPhone e opera com facilidade. É extremamente simples e você ainda pode fazer muitas outras coisas excelentes.

Como você pode ver, existem muitos motivos pelos quais meu celular é o melhor. Ele tem a mais nova versão, o que significa que existe uma porção de excelentes características que outros telefones não têm. Ele tem também muita memória, o que me permite ter tudo que eu preciso em somente um aparelho e, finalmente, como é um iPhone, é fácil de usar. Depois de mudar para um iPhone, eu nunca mais vou querer outro tipo de celular. O iPhone

6 é o melhor celular; e todas as vezes que eu ouço um comercial sobre ele, enquanto assisto aos meus programas favoritos, penso o quanto eu sou sortuda de ter o melhor celular que existe.

Mallory, por sua vez, seguiu uma abordagem diferente, escrevendo uma narrativa sobre a experiência que ela teve com seu celular, baseando-se em uma história que contou durante a discussão, no grupo, acerca do “melhor telefone celular”. Sua história não é tão ampla quanto a de Taylor em termos da série de características do gênero que foram constadas. Em vez disso, ela se concentrou em um único incidente engraçado, envolvendo seu telefone, e não em termos de suas capacidades incríveis, mas à luz de como ele havia sobrevivido a um acidente potencialmente embaraçoso.

Mallory Kaster

Era uma sexta-feira à noite, há aproximadamente dois anos, e eu estava me preparando para ir ao boliche com meus amigos. A música (country, minha favorita) estava tocando alto enquanto eu me arrumava. Primeiro eu decidi ajeitar meus cabelos, o que eu sempre fazia primeiro. Eu os alisei, o que só leva por volta de vinte minutos, e então me maquiei. Por fim, eu coloquei uma roupa nova, que tinha comprado naquele dia, composta de uma jaqueta de couro sintético, uma camisa preta, uma calça jeans justa e um par de pequenas botas marrons. Eu estava muito animada para a noite e estava prestes a sair de casa quando eu decidi, rapidamente, ir ao banheiro. Enquanto eu abaixava as calças, ouvi um alto “plop!” e imediatamente entrei em pânico. Eu lembrei que havia colocado meu celular no meu bolso traseiro, pois ele não tinha cabido no bolso da frente das minhas calças tão justas. Eu me virei e vi meu celular afundar lenta e profundamente na repulsiva e nojenta água do sanitário. Felizmente, eu ainda não havia usado o aparelho e, sem pensar duas vezes, coloquei a mão dentro do vaso e peguei meu celular de volta.

Naquele momento, em pânico total, eu sequei meu celular o mais rápido que pude e lavei minhas mãos o mais cuidadosamente possível. Quando eu tentei ligar meu celular, não deu certo. Felizmente, eu me lembrei de ter lido na Internet que colocar o celular,

possivelmente danificado pela água, dentro de um saco de arroz poderia salvá-lo. Então, eu corri escada abaixo até a cozinha, com o celular na mão, peguei um saco de arroz, abri e coloquei um pouco desse arroz dentro de uma sacola *ziplock*, joguei meu celular lá dentro e fechei o lacre. Eu estava prestes a sair, mas não tinha como me comunicar, de jeito nenhum, com meus amigos e minha mãe jamais me deixaria sair sem um celular para o caso de algo acontecer. Então, eu esperei.

Sem ser muito paciente, e querendo estar com meus amigos logo, eu chequei o estado do meu celular, depois de aproximadamente dez minutos, e eis que ele funcionou! Hoje, parece uma história de grande sucesso, e foi, até dois meses depois disso, quando aconteceu de novo e os resultados não foram assim tão bons. Mas, esta é uma história para ser contada depois.

Como podemos perceber, a história de Mallory não é propriamente derivada do que foi proposto na atividade do telefone celular, mas produziu um conto engraçado e bem-narrado, o qual seria certamente apreciado por qualquer pessoa que desejasse rir de si mesmo. Embora não possamos correlacionar claramente os conteúdos da discussão com a escrita de Mallory, sua decisão de usar o material da conversa com seus colegas sugere que o que eles conversaram foi altamente proveitoso na produção dessa narrativa.

REFLEXÕES

Na aula com transmissão via Skype, Berchini pediu aos estudantes que escrevessem suas reflexões a respeito do que eles aprenderam durante a atividade, a partir do questionamento: "Como o exercício o ajudou a gerar ideias para escrever?" Resumos, a seguir, os comentários escritos para mostrar o que esses professores em treinamento aprenderam, uns dos outros, a partir da conversa sobre os telefones celulares. Os comentários estão organizados por categorias para dar uma ideia da quantidade de benefícios que cada cursando encontrou na atividade.

FAMILIARIDADE COM OS MATERIAIS

Os estudantes relataram a familiaridade com as mídias do celular como sendo um instrumento de facilitação para a geração das estratégias que guiaram seus argumentos. Alyssa, por exemplo, escreveu: "Eu acho que essa atividade foi inteligente no sentido de que utilizou um tópico que muitos colegas acreditam ser de segunda categoria, mas que quase nos assustou ao ter de usar de várias habilidades para decifrar qual telefone era 'melhor'. Nossa geração sabe muito sobre o tema dos celulares, o que nos permite a sensação de estar suficientemente seguros com o tópico para discutir e, depois, alcançar outros elementos de conversação."

Anna compartilhou da apreciação de Alyssa pela familiaridade do celular como elemento facilitador em aprender procedimentos de argumentação, dizendo: "A atividade ajudou a gerar ideias para escrever, pois utilizou um tópico que todos nós conhecemos. Quase todo mundo tem um celular, então foi fácil falar sobre isso; e, como todos nós temos iPhone, nós pudemos falar sobre os mesmos modelo e marca. Esta atividade foi algo que nos chamou a atenção e nos "prende" porque estamos em uma era moderna, com tecnologia, e este é um tópico com o qual crescemos. Além disso, ter o telefone conosco foi ótimo, porque poderíamos visualmente percebê-lo e olhar mais para ele para descobrirmos o porquê de um ser melhor do que o outro."

Mercedes também comentou sobre os benefícios de se trabalhar com materiais acessíveis e com os quais se tem familiaridade: "A atividade me ajudou a pensar mais profundamente a respeito de algo tão comum como um celular. Nós, normalmente, não pensamos tão detalhadamente a respeito de coisas que usamos todos os dias. Ela também me deu ideias sobre como explorar mais essa habilidade, colocando os estudantes para escreverem a respeito de objetos que eles utilizam bastante. Eu sei que sem essa atividade eu não teria pensado nisso nem pensado a respeito do meu celular com tamanho detalhamento". Coerente com as proposições

de Hillocks, a atividade do celular promoveu o aprendizado de procedimentos da escrita, começando com materiais conhecidos, que estavam ao alcance da mão e disponíveis para serem usados, a fim de promover a geração de ideias entre os participantes para uso posterior em sua escrita.

GERAÇÃO DE IDEIAS ANTERIOR À ESCRITA POR MEIO DA DISCUSSÃO

A oportunidade de gerar ideias antes de escrever chamou a atenção de vários estudantes. Taylor escreveu, em suas reflexões, que "A atividade ajudou a gerar muitos pensamentos e ideias. Ainda que as ideias estivessem todas, de algum modo, aleatórias e dispersas, não me sinto capaz de ordená-las e escolher quais são as mais importantes. Poderia começar, sem dúvida, organizando as ideias para minha escrita. Com base nas ideias que considero importantes, eu poderia, então, começar a escrever porque já teria criado minhas ideias com base na atividade original. Na maioria das vezes, a parte mais difícil é produzir uma ideia ou, às vezes, mesmo sabendo o que você vai escrever acerca de algo, isso pode se tornar intimidante e difícil de brotar com as ideias. No entanto, com esta atividade, eu consegui simplesmente criar todas as minhas ideias sem ter a preocupação de ter que escrever sobre isso. No momento em que me disseram que eu teria que escrever sobre isso, eu já tinha algumas ideias geradas e, então, foi apenas uma questão de organizá-las. Isso torna o processo de escrita muito menos assustador".

Ao reduzir a ansiedade, através da geração de ideias anterior à escrita propriamente dita, os estudantes foram aliviados de um problema típico, que é enfrentado por escritores aprendizes: o de se apropriarem das características de um gênero e mostrarem conteúdo embora escrevam tão-somente com uma preparação mínima. As discussões, portanto, foram frutíferas ao fornecerem o material para a escrita dos textos, de modo que essa escrita le-

gítima pudesse se concentrar na organização dessas ideias dentro de uma forma compreensível.

DISCUSSÃO ABERTAS E CONTÍNUAS

A tarefa de perguntar quem teria o melhor aparelho de telefone celular permitiu uma discussão aberta (ou seja, sem um tempo determinado para acabar), através da qual os estudantes se sentiram confortáveis em participar. Bailey escreveu: "Essa atividade ajudou a inspirar diferentes direções que poderiam potencialmente ser tomadas se alguém refletisse e escrevesse a respeito de quem teria o melhor celular". Essa descrição foi compartilhada por outros sujeitos.

Emily, por exemplo, escreveu: "Essa atividade me ajudou a perceber quantas maneiras diferentes de pensar uma só pergunta pode proporcionar. Uma simples pergunta, sobre quem teria o melhor celular, nos levou a perguntar várias coisas diferentes, as quais nos ajudaram a chegar a uma conclusão. Essa atividade também despertou uma discussão que tomou diferentes formas. Por exemplo, as pessoas estavam compartilhando histórias pessoais sobre seus celulares e revelando muita informação além de simplesmente dizer que tipo de celular elas tinham. A conversa poderia ter parado depois de termos perguntado que tipo de celular tínhamos, mas, ao invés disso, fomos adiante e transformamos tudo em uma grande entrevista, na qual aprendemos informações específicas sobre os celulares uns dos outros. Essas informações nos ajudaram a pensar mais a respeito do assunto e a fazer mais perguntas. Tudo isso, nessa mesma atividade, nos ajudou a gerar muitas maneiras diferentes de ampliar uma única questão, o que se traduziu em ajuda na criação de mais ideias para o momento de escrever. Também tivemos a oportunidade de persuadirmos uns aos outros, o que também representa um gênero inspirado nesta atividade". O comentário de Emily, de que a discussão envolveu espontaneamente os estudantes, entrevistando uns aos outros,

apontou, portanto, para um gênero imprevisito, que se fez presente a partir do desenvolvimento da atividade.

Katherine descreveu como os participantes de seu grupo geraram ideias em um fluxo livre de pensamentos, com o qual ela se identificou e que a fez definir a atividade como uma “ferramenta muito útil para a escrita. Foi mais fácil do que a costumeira tempestade de ideias porque nós estávamos conversando uns com os outros de maneira natural. Também não vimos isso como algo que estava relacionado à escrita antes de nossas conversas, o que fez com que não nos sentíssemos pressionados nesse sentido. Nós escolhemos um tópico, que era quem tinha o melhor telefone e começamos a falar. O fato de estarmos em uma conversa casual tornou fácil a produção de gêneros porque nem sequer sabíamos que estávamos a fazer isso”.

EXPLORAÇÃO DETALHADA DE UM TÓPICO

Em seções anteriores, os estudantes se referiam às maneiras pelas quais suas discussões se aprofundavam adentrando seus interesses. Esta indagação detalhada sobre a qualidade do telefone celular foi evidente em outros comentários a partir das reflexões. Uma reflexão sem assinatura afirmou: “Esta atividade me ajudou a gerar ideias para a escrita, pois a conversa foi fluindo e todos os diferentes aspectos dos telefones foram levantados. Os tópicos iam desde o que faz um telefone ser bom, passando pelos aspectos que o tornam ruim até ao fato de se alguém gostava ou não de seu telefone, e assim por diante. Quanto mais a gente aprofundava a conversa, mais detalhes surgiam sobre os telefones e mais pessoal a conversa se tornava. As pessoas começaram a contar histórias de coisas que elas faziam com seus telefones ou coisas que aconteceram com o telefone. Se estivéssemos escrevendo um artigo sobre esse tópico, poderíamos dedicar um tempo a escrever sobre o motivo pelo qual um telefone seria o melhor ou porque um outro seria pior, pois existe um valor pessoal para cada telefone que precisa ser explicado”.

Anna fez uma observação semelhante, dizendo: “Essa atividade nos fez usar muitos termos e detalhes descritivos para saber sobre a quantidade de memória, sobre os aplicativos, as operadoras, etc. Escrever sobre isso nos ajudou a ir mais fundo na ideia do que simplesmente improvisar de maneira rasa. Essa atividade também pareceu com uma entrevista, porque estávamos perguntando aos nossos colegas de sala sobre seus celulares e eles nos perguntavam também, de modo que isso nos possibilitou uma boa discussão e colaboração em grupo. Nós conseguimos ter mais ideias através do ato de fazer várias perguntas aos colegas do que se estivéssemos pensando sozinhos”. Como Emily, ela sentiu que a entrevista, que aconteceu durante as discussões, foi um importante aspecto, através do qual muitos detalhes foram listados; detalhes estes que poderiam não ter aparecido sem a proposição da discussão para que se chegasse à conclusão acerca do melhor celular, dentre os presentes em cada grupo.

Bailey também comentou sobre como a atividade os motivou a abordar detalhes para além do nível superficial: “Devido ao fato de todos nós estarmos tentando eleger o melhor celular, havia muitos fatores e expressões descritivas que foram compartilhados entre nós. Não conseguíamos apenas pensar nos detalhes superficiais de nossos telefones, como o tamanho e a cor, por exemplo, mas sobre quais seriam os aplicativos e características que, quando comparados entre si, elevariam o celular ao topo”. Esses detalhes, então, puderam se tornar material essencial para a argumentação dos estudantes, em favor de seu telefone favorito, quando chegou a hora de escrever.

MÚLTIPLOS GÊNEROS ESCRITOS

Seções anteriores fizeram referência aos múltiplos gêneros que os estudantes incorporaram em suas discussões a respeito de quem teria o melhor celular. Alyssa escreveu que “gêneros como os de persuasão, argumentativos, e que usam detalhes, constituem-se

todos em estratégias que usamos ao conversar; essas estratégias podem ser prontamente transferidas para um estilo de escrita específico (dependendo da lição). Eu gostei dessa atividade porque ela pode ser usada para vários gêneros de escrita e permite aos estudantes aplicá-la a conhecimentos com os quais eles se sentem muito confortáveis". A observação de Alyssa, sobre dialogar em gêneros antes do ato de escrever, ilustra um aspecto-chave da abordagem de Hillocks para o ensino da escrita: *aprender a escrever envolve aprender a pensar falando ao longo do processo de escrita.*

Mercedes faz eco às referências de outros estudantes ao papel da entrevista durante as discussões, dizendo: "Um dos membros do nosso grupo trouxe a entrevista como a ideia de um gênero que surgiu dessa atividade porque estávamos nos perguntando sobre os telefones uns dos outros. A escrita descritiva e a ficção realista vêm também a nossa mente porque o objeto, nessa atividade, é um item real e alguns grupos se aprofundaram nos detalhes para descobrir qual era o melhor aparelho. Outro estilo que vem à mente é a escrita persuasiva, a fim de tentar convencer os outros de que seu telefone é o melhor. A escrita informativa também pode se aplicar a isso, quando se descreve as características do telefone para uma audiência". Os comentários de Mercedes reforçam a ideia de que escrever em um gênero é quase sempre uma experiência com múltiplos estilos e gêneros, com uso social da escrita, como no caso da entrevista, a qual foi considerada como muito útil para a geração de ideias.

Alyssa, ao considerar os múltiplos gêneros disponíveis, observou como a flexibilidade da atividade permitiu que os estudantes personalizassem individualmente a tarefa, integrando os gêneros e, com isso, apresentaram seus pontos fortes enquanto incentivavam o desenvolvimento de outros: "A atividade inspirou gêneros de escrita porque, a partir de uma dada perspectiva, um telefone é simplesmente uma tecnologia que atende ao propósito de alguém que quer se comunicar com outros sem precisar estar perto deles. A partir de outro ponto de vista, os celulares são vistos como de-

tentores de grande valor sentimental, especialmente por causa de fotos e conversas nele armazenadas, as quais mantêm memórias que tocam o coração de alguém. Isso realmente pode se configurar em gêneros de ficção ou não, abordando tanto os recursos e partes físicas de um telefone como inventando histórias de aventuras vivenciadas pelos estudantes com este aparelho. Isso também se configuraria como um mote para a decisão acerca de qual telefone seria o melhor, visto que as memórias carregam um valor para cada pessoa, mas isto não ocorre da mesma maneira para todos”.

Do ponto de vista de um professor, essa flexibilidade não só permitiria aos estudantes personalizar a discussão, a fim de possibilitar um meio de expressão pessoal, como também aliviar o tédio de ler redações e mais redações, todas construídas de uma mesma maneira. Se os estudantes tiveram a oportunidade de ler os trabalhos uns dos outros durante o processo de produção e revisão de rascunhos, suas exposição e crítica a respeito das abordagens de outros estudantes puderam ampliar a compreensão deles acerca das abordagens infinitamente variáveis que um escritor pode adquirir ao adentrar os obstáculos de uma tarefa em particular.

NATUREZA COMPETITIVA DA ARGUMENTAÇÃO

Embora a competição esteja, muitas vezes, fora de moda em salas de aula progressistas, Rachel descobriu que a competição promoveu o desenvolvimento da argumentação em seu grupo. Ela disse: “Eu achei essa atividade um pouco engraçada porque pareceu nos levar a ter de demonstrar que tínhamos o melhor dispositivo tecnológico. A tecnologia é tão comum na geração de hoje que simplesmente ter um celular não é o suficiente; você precisa ter a versão mais recente da marca considerada de alto nível: o iPhone. Durante a atividade, fomos dizendo o tipo de telefone que todos nós tínhamos e, de imediato, percebi que eu era o único membro do grupo que não tinha um iPhone e que meu telefone estava ultrapassado. Meu Android não conseguiu acompanhar a concorrência.

Os outros dois membros do grupo tinham uma versão bastante nova do iPhone. Cada um propôs seu argumento sobre o porquê de eles acharem que seu telefone era melhor que o do outro. Como ninguém queria perder, mais ideias continuaram a surgir durante a conversa. Cada um deles usou o raciocínio e a persuasão como apoio para nos convencer de eleger o seu aparelho de telefone como o melhor”.

Sabendo que o propósito da argumentação é vencer, especialmente em uma tarefa estruturada dessa maneira, o argumento mais bem fundamentado é normalmente o mais persuasivo. Como Rachel aponta, o objetivo de estabelecer os seus celulares como sendo o melhor motivou os dois outros estudantes de seu grupo a gerar mais e mais evidências para fundamentar a versão preferida do iPhone. Ao fim, qualquer um poderia argumentar em favor de seu celular, fato impulsionado pela qualidade competitiva dos aparelhos, exceto o Android de Rachel; as evidências levantadas pelos estudantes prepararam o ambiente da discussão para a melhor defesa possível, o que, possivelmente, contribuiu para argumentos mais fortes em seus textos.

Esses elementos também foram evidentes para o autor desta reflexão, que não se identificou: “A maneira que nós competimos a respeito do melhor celular me fez pensar em uma escrita persuasiva. Eu estava tentando persuadir todos os outros a reconhecer que o meu celular era o melhor. Eu tive que pensar em argumentos para sustentar minhas afirmações a respeito disso. Eu acho que se tivéssemos escrito exatamente tudo o que dissemos, teríamos um texto persuasivo”.

INSPIRAÇÃO PARA UM ENSINO FUTURO

Como é de praxe, em aulas para a formação de professores, os estudantes frequentemente atentam para o modo como sua participação na atividade afetaria sua didática. Nesse sentido, Bailey escreveu que: “Como futuro professor, eu imediatamente pensei em

maneiras de fazer isso com estudantes mais jovens, para inspirar uma escrita criativa. Por exemplo, os estudantes poderiam pensar essa atividade fingindo que eles mesmos são os celulares. Isso geraria muitas ideias para um possível conto, que seria escrito por cada um dos estudantes. Usando a perspectiva da primeira pessoa, os estudantes estariam mais propensos a usar detalhes, descrições e argumentações para enfatizar e persuadir os outros de que eles seriam a melhor versão”.

Embora as ideias de Hillocks tenham sido usadas principalmente com estudantes dos ensinos fundamental (anos finais) e médio, elas também tiveram um papel importante nos anos iniciais do ensino fundamental, a exemplo do que comentou Bailey sobre sua expectativa de adaptar essa atividade, e seus princípios, para usar em sua futura prática pedagógica. As reflexões dos estudantes, em geral, demonstraram como a atividade tanto lhes ensinou estratégias para a escrita de seus próprios textos como lhes trouxe boas ideias acerca de como ensinar os outros a escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou demonstrar como as proposições de George Hillocks sobre a prática de escrita podem deixar de ser tão complexos e trabalhosos através do uso do telefone celular, um material acessível e que está basicamente presente em toda a sociedade contemporânea. Embora o foco aqui tenha sido sobre como os telefones celulares podem ser usados para ensinar a prática da argumentação, ou de outros gêneros, dependendo de como a tarefa está estruturada, o ponto mais importante diz respeito à forma como uma abordagem desconhecida acerca da pedagogia de escrita é relativamente fácil de implementar, em contraste com a sua fama como sendo muito trabalhosa, tanto dentro como fora do espaço da sala de aula.

Uma limitação óbvia, com esta demonstração, é a de que a atividade foi executada com um número relativamente pequeno

de pessoas incomuns – incomuns na medida em que, como futuros professores, eles realizaram a experiência com um estado de espírito colaborativo. Indubitavelmente, como qualquer pedagogia usada com grupos maiores de estudantes, e com menos investimentos na escola, a atividade pode não funcionar de forma ideal como ocorreu nas circunstâncias aqui apresentadas, especialmente considerando a presença de um professor visitante, em relação a quem os estudantes poderiam desenvolver algumas suspeitas.

No entanto, esta sugestão para o ensino da escrita tem sido praticada por muitas pessoas, influenciadas pelas ideias de Hillocks, há cerca de uns cinquenta anos, e tem sido utilizada principalmente com estudantes de escolas públicas de regiões bastante populosas, de modo que as proposições desse autor já foram testadas inúmeras vezes ao longo do tempo. Esperamos, pois, que a presente demonstração encoraje mais professores a tentarem ensinar através de uma abordagem (dirigida pela discussão, a partir de uma tarefa específica e dentro de um processo estruturado) à qual atribuímos um grande potencial para ajudar os estudantes, aprendizes de escritores, não apenas a gerarem e aprimorarem suas ideias como também a expressá-las claramente em sua escrita.